

**GESTÃO ACADÊMICA A DINÂMICA DO PRAZER E O SOFRIMENTO PSÍQUICO
DE ESTUDANTES DA ÁREA DA SAÚDE**

*ACADEMIC MANAGEMENT THE DYNAMICS OF PLEASURE AND PSYCHIC
SUFFERING OF HEALTHCARE STUDENTS*

VALENIR DIAS MACHADO CORRÊA DA COSTA
FUNDAÇÃO PEDRO LEOPOLDO (FPL)

ESTER ELIANE JEUNON
FUNDAÇÃO PEDRO LEOPOLDO (FPL)

Comunicação:

O XII SINGEP foi realizado em conjunto com a 12th Conferência Internacional do CIK (CYRUS Institute of Knowledge) e com o Casablanca Climate Leadership Forum (CCLF 2024), em formato híbrido, com sede presencial na ESCA Ecole de Management, no Marrocos.

GESTÃO ACADÊMICA A DINÂMICA DO PRAZER E O SOFRIMENTO PSÍQUICO DE ESTUDANTES DA ÁREA DA SAÚDE

Objetivo do estudo

Analisar a forma como o sofrimento psíquico inerente ao processo de formação dos cursos superiores da área da Saúde é considerado no processo de planejamento e gestão educacional.

Relevância/originalidade

O sofrimento psíquico dos estudantes de cursos superiores da área da Saúde é uma realidade que pode impactar o desempenho acadêmico e a saúde mental. Por isso, torna-se importante integrar a abordagem desse tema em sua formação.

Metodologia/abordagem

Utilizou-se metodologia quantitativa e qualitativa, procedeu-se à investigação descritiva a partir da utilização de questionário baseado no modelo de pesquisa “Escala de vulnerabilidade”, de Nogueira (2017) e realização de entrevistas com coordenadores de curso da IES pesquisada.

Principais resultados

É fundamental que as instituições de ensino adotem políticas de apoio aos estudantes, promovendo a conscientização sobre a importância da saúde mental e oferecendo suporte emocional e psicológico. Além disso, é necessário prover-lhes uma formação humanizada.

Contribuições teóricas/metodológicas

A aplicação da Escala de vulnerabilidade, de Nogueira (2017), permitiu analisar os construtos sobre o sofrimento psíquico e os problemas de saúde mental vividos por estudantes universitários.

Contribuições sociais/para a gestão

Este estudo foi importante por evidenciar o sofrimento mental dos estudantes da área da Saúde e contribuir para a inclusão dessa prática no planejamento e gestão das instituições de ensino.

Palavras-chave: Sofrimento psíquico, Elemento invisível, Planejamento e Gestão

*ACADEMIC MANAGEMENT THE DYNAMICS OF PLEASURE AND PSYCHIC
SUFFERING OF HEALTHCARE STUDENTS*

Study purpose

Analyze the way in which the psychological suffering inherent to the training process of higher education courses in the area of ??Health is considered in the educational planning and management process.

Relevance / originality

The psychological suffering of students in higher education courses in the area of ??Health is a reality that can impact academic performance and mental health. Therefore, it is important to integrate the approach to this topic into your training.

Methodology / approach

Quantitative and qualitative methodology was used, descriptive research was carried out using a questionnaire based on the “Vulnerability Scale” research model by Nogueira (2017) and interviews with course coordinators at the HEI studied.

Main results

It is essential that educational institutions adopt policies to support students, promoting awareness of the importance of mental health and offering emotional and psychological support. In addition, it is necessary to provide them with humanized training.

Theoretical / methodological contributions

The application of the Vulnerability Scale, by Nogueira (2017), made it possible to analyze the constructs about psychological suffering and mental health problems experienced by university students.

Social / management contributions

This study was important for highlighting the mental suffering of students in the health field and contributing to the inclusion of this practice in the planning and management of educational institutions.

Keywords: Psychic suffering, Invisible element, Planning and Management

GESTÃO ACADÊMICA: A DINÂMICA DO PRAZER E O SOFRIMENTO PSÍQUICO DE ESTUDANTES DA ÁREA DA SAÚDE

1 Introdução

A “educação superior desempenha, em suas mais diversas dimensões, um papel fundamental no desenvolvimento do ser humano”. (Niskier, Xavier e Diniz, 2020, p. 8). O ensino superior tem sido visto pelas sociedades modernas como uma forma de equalização de oportunidades, especialmente quando se trata do ensino superior. Mesmo com a intensa diversificação entre o sistema público e o privado, o acesso ao ensino superior tem aumentado ao longo dos anos, passando a exercer papel fundamental na estratificação da sociedade (Tomás e Silveira, 2021).

Entretanto, tem se observado que a prevalência de transtornos mentais nos estudantes universitários brasileiros é considerada elevada e fica, na maioria das vezes, subdiagnosticada, com sua prevenção relegada a segundo plano por parte dos gestores das IES. O sofrimento psíquico impacta no desempenho acadêmico podendo afetar a qualidade da formação e o índice de evasão.

De acordo com o Ministério da Saúde, a depressão é a principal causa de incapacidade em todo o mundo e estima-se que mais de 300 milhões de pessoas, de todas as idades, sofram com esse transtorno, de acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde. A OPAS/OMS aponta ainda a importância da genética em algumas formas de depressão, apesar de indivíduos sem histórico familiar também apresentarem o transtorno (Brasil, 2023). Nesse sentido, observa-se nas IES, a perda de jovens por depressão, suicídio, e conseqüentemente a evasão escolar. Em observação ao crescente índice de depressão e ao grande sofrimento psíquico vivenciado pelos estudantes da área da saúde, em todo o Brasil, confirma-se a necessidade de maior envolvimento das IES, no sentido de oferecer um olhar mais profundo e humanizado frente ao sofrimento do estudante.

Nesse contexto o objetivo geral deste relato foi analisar de que forma o sofrimento psíquico inerente ao processo de formação dos estudantes matriculados nos cursos de Medicina, Fisioterapia, Enfermagem e Psicologia, todos da área da Saúde, em campo de estágio na Santa Casa de Belo Horizonte, é considerado no planejamento e gestão educacional. Para tanto adotou-se como percurso metodológico uma abordagem quantitativa e qualitativa, com foco em um estudo de Caso Múltiplos. A coleta foi realizada por meio do preenchimento de questionário via Google Forms para 200 estudantes. A pesquisa teórica discorreu sobre a Educação Superior Brasileira, Gestão de cursos da área da Saúde, Sofrimento Psíquico do estudante e Evasão escolar e Sofrimento Mental. E, como questão norteadora deste relato elegeu-se: De que forma o sofrimento psíquico inerente ao processo de formação nos cursos superiores da área da saúde é considerado no planejamento e gestão educacional?

2 Referencial Teórico

2.1 Educação superior brasileira

A trajetória histórica da educação superior no Brasil, caracterizada por avanços e retrocessos. Mesmo havendo sinalizações favoráveis, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394/1996) e a Lei de Cotas (Lei 12.711/2012), o ensino superior carece de políticas públicas efetivas, especialmente em termos de investimentos direcionados à formação básica, para que os alunos tenham condições de ingressar e permanecer nele, contribuindo para a democratização da educação no país. (Oliveira, 2020).

Bittencourt e Pereira (2021) explicam que, apesar dos avanços em políticas públicas de acesso e de sua permanência na primeira década do século XXI, ainda são muitos os desafios de consolidação de sua estrutura física e de projetos institucionais, gerando um cenário de democratização inconclusa da universidade brasileira. Não obstante as melhorias relativas ao acesso em termos quantitativos e qualitativos, os dilemas de permanência estudantil ainda persistem no contexto universitário. Ribeiro e Medeiros (2020) sustentam que a educação superior se tornou um tema prioritário e estratégico para o futuro das nações, na medida em que pode promover transformações na sociedade. Cada país procura equacionar suas demandas educativas de modo distinto, considerando principalmente os seguintes elementos: história de seus sistemas de ensino, organização, capacidade de reação, mobilização de recursos e implantação de políticas pertinentes à manutenção e retenção de estudantes.

2.2 Ensino Superior: Gestão educacional, pedagógica e de cursos na área da Saúde

A *Gestão da Educacional* lida essencialmente com a formação de diferentes sujeitos, envolvendo a sociedade e a comunidade acadêmica (docentes, discentes, colaboradores e famílias), para que o processo de gestão educacional ocorra de forma ampla ou particular. Matias (2020) assevera que a gestão da educação vem assumindo a responsabilidade de organizar o sistema pedagógico em sua totalidade, estabelecendo políticas orientadas para uma tomada de decisão, bem como leis e regulamentos. Esse autor enfatiza a importância do desenvolvimento do projeto pedagógico de um curso como uma forma de concessão rumo a uma inovação emancipatória ou edificante, possibilitando o crescimento da gestão pedagógica (Matias, 2020).

Para fins desse relato optou-se por discorrer detalhadamente sobre a *Gestão Pedagógica no ensino superior*, esse tipo de gestão é recente e apresenta contradições e lacunas, devido à complexidade e heterogeneidade do público e das ações envolvidas. Entre os direcionamentos da gestão pedagógica citam-se a organização do trabalho pedagógico envolvendo a sociedade e a construção, desenvolvimento e avaliação do Projeto Político Pedagógico (PPP), que visam à qualidade da educação (Araújo, 2019). No âmbito da gestão pedagógica é possível conduzir qualquer IES a partir de reflexões teóricas pautadas no planejamento e formação docente e no processo de avaliação das disciplinas e dos acadêmicos. Silva (2021) reconhece no planejamento uma forma de diagnosticar as necessidades da turma e dos discentes e de adequá-la ao currículo para obter maior índice de aprendizado e melhor desenvolvimento dos estudantes. Acrescenta que o planejamento deve ser visto como um instrumento de ações para modificar o contexto escolar, e não apenas um simples ato técnico e burocrático cumprido pela IES (Silva, 2021). Moura et al. (2020) sustentam que a gestão pedagógica auxilia os gestores na definição dos parâmetros de ensino-aprendizagem. Por isso, torna-se essencial conhecer as orientações dos órgãos legisladores para melhorar o planejamento pedagógico e oferecer um ensino de maior qualidade. De modo a alcançar os resultados delineados pela IES, é igualmente importante estabelecer uma integração entre a gestão e suas ações com foco na comunidade acadêmica.

Casagrande e Santos (2020) identificam no PPP um instrumento fundamental para orientar o trabalho pedagógico da escola e do docente, a partir de um conjunto de perspectivas pautadas na sociedade que se deseja construir e no ser humano que se busca formar. Os autores explicam que o “PPP é um documento desenvolvido por profissionais educadores, por meio de discussões coletivas, organiza-se sua construção, implementação e avaliação dentro do âmbito acadêmico” (Casagrande e Santos, 2020 p. 189). Portanto, o PPP é um documento acolhido por toda a comunidade acadêmica e mantém vivas as características da sociedade em que está inserido. Além disso, trata-se de um instrumento formativo, ao fomentar em seus termos a discussão coletiva. “Por meio destes espaços onde a discussão se firma é que se pode almejar

uma mudança, pois ela só acontece em um meio que problematiza e instiga reflexão e aprendizados coletivos” (Casagrande & Santos, 2020 p. 201).

Silva (2022) defende que é essencial que haja uma conexão entre a gestão e os processos pedagógicos para alcançar os resultados desejados pela instituição. Para isso os direcionamentos devem ser claros e explícitos para toda a comunidade acadêmica. “Quando se fala sobre os processos de ensino-aprendizagem, observa-se que as formas e as condições em que a atividade de estudo ocorre são cruciais para que a aprendizagem e o desenvolvimento se concretizem” (Silva, 2022, p. 8).

Araújo (2020, p. 125) afirma que o “desenvolvimento humano dentro da universidade não se limita ao processo de formação universitária, baseado na aprendizagem enquanto um simples processo intelectual-instrumental”, pois o que poderia ser entendido como um aspecto positivo para a formação acadêmica pode se tornar um fator patogênico, em que os acadêmicos, muitas vezes, demonstram tranquilidade e segurança para atender às expectativas do ambiente universitário, mas, na realidade, estão experienciando sensações de impotência e/ou incompetência pessoal. Daí a importância de os gestores pensarem a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos em espaços onde as vivências acadêmicas e as práticas de atividades sejam acolhedoras (Araújo, 2020). Silva e Teixeira (2021) entendem que é preciso haver o engajamento de diretores e docentes em torno de um projeto pedagógico comum e a necessidade de ações de aprendizagem com efeitos pedagógicos no curto e no médio prazo capazes de intensificar as contradições próprias do trabalho pedagógico e a potencialidade de práticas coletivas a partir de perspectivas educacionais abrangentes.

Quanto a *Gestão de cursos na área da Saúde*, as IES, passam por um aumento na competitividade, que se reflete no aumento do número de cursos e de vagas, bem como no surgimento de novas IES, diante dos desafios do cenário do ensino superior, principalmente na área da Saúde, o que requer um bom sistema de gestão, no intuito de promover a eficiência nos processos de formação. O Censo da Educação Superior 2022 apurou 9.443.597 matrículas para os cursos de graduação entre as IES públicas e privadas. Os quatro cursos da área da Saúde trabalhados neste relato foram: Enfermagem (457.968), Psicologia (314.543), Fisioterapia (147.399) e Medicina (245.501) (Brasil, 2023). Portanto a gestão desses cursos vai muito além das condições de ensino, pois eles devem estar conectados entre si, uma vez que, geralmente, compartilham do mesmo espaço, da mesma infraestrutura de laboratórios, equipamentos e recursos de TI e das mesmas políticas acadêmicas.

A educação humanizada valoriza as relações humanas no ambiente escolar, buscando formar indivíduos com base em um novo paradigma, respeitando suas dimensões sociabilidade, intelectualidade, espiritualidade e afetividade. Assim, é preciso reconhecer a importância de valorizar uma formação humanizada e humanizadora, atendendo aos interesses coletivos, mas também de criar um modelo de negócios lucrativo, capaz de contribuir para o desenvolvimento da IES. Igualmente importante é permitir que o ser humano desenvolva suas capacidades críticas e reflexivas e tenha autonomia para pensar e se expressar (Macêdo, Silva & Lucena, 2021).

Morais (2021) defende que o cenário educacional proporcionou mudanças importantes, como a valorização da subjetividade dos alunos na sala de aula. Assim, é possível afirmar que a subjetividade é fundamental para questionar o conhecimento tradicional rígido e possibilitar uma educação mais humanizada. Educar não é um processo simples e direto, mas complexo, que inclui aspectos subjetivos, conhecimento formal e influências culturais da sociedade atual. O autor explica que a subjetividade no processo de formação e aprendizagem tem sido modificada de acordo com a sociedade e a dinâmica do sistema de educação.

Pereira et al. (2021) destacam a importância de as IES valorizarem a promoção da saúde mental e da educação para o bem-estar dos estudantes universitários. Assim, a saúde mental é fundamental para o sucesso na escola. Além disso, a vulnerabilidade psicológica dos alunos e

o alto nível de estresse físico e psicológico relacionado às experiências práticas podem afetar o processo de formação (Pereira et al., 2021). Portanto, discutir o sofrimento psíquico dos estudantes da área da Saúde e de que forma as IES inserem em seu planejamento de curso tornou-se essencial.

2.3 Planejamento e formação humanizada no ensino em saúde

A realização de um bom planejamento acadêmico por parte das IES pauta-se nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), que constituem um padrão geral de orientação para a elaboração dos projetos político-pedagógicos e dos currículos, as quais devem ser adotadas por todas. Este documento é que fundamenta o Projeto Pedagógico de Curso (PPC), com base na ética, na responsabilidade social e no compromisso como referência para a construção de políticas educacionais importantes. Ou seja, as DCN para os cursos de graduação constituem o documento que orienta o planejamento, a implementação e a avaliação do curso, servindo como base para a elaboração do PPC, ajudando a definir os rumos da educação. Para que uma educação seja considerada de qualidade, é importante que esteja alinhada com os direitos humanos e prepare os alunos para o mercado de trabalho, incentivando a ética, a reflexão e as habilidades, contribuindo também para o desenvolvimento da sociedade brasileira. “Responsabilidade social universitária” é um tema cada vez mais discutido no meio acadêmico. (D’Ávila, 2020).

Silva e Sei (2021) apontam que um dos principais desafios enfrentados pelas IES é adaptar a formação dos estudantes às políticas de saúde. A forma como o ensino é realizado e a atuação dos profissionais da saúde estão passando por mudanças, com ênfase não apenas em tecnologias e procedimentos, mas também em um cuidado mais humano e empático. É fundamental integrar a formação generalista com a humanista, de modo a preparar profissionais que considerem aspectos políticos, sociais e cidadãos no cuidado. É necessário oferecer aos estudantes novos conhecimentos e vivências para uma abordagem de formação humanizadora.

Compreender melhor o adoecimento dos estudantes universitários é fundamental para a formação se tornar menos prejudicial, como a cooperação de familiares, amigos e professores, tornando possível ter uma experiência de graduação com maior cuidado em saúde mental. Portanto, é condição sine qua non ampliar a compreensão sobre como o sofrimento psíquico inerente ao processo de formação dos cursos superiores da área da Saúde deve ser considerado no processo de planejamento e gestão educacional. (Artal et al. 2022)

2.3 O sofrimento psíquico: impacto na saúde mental e adoecimento dos acadêmicos da área da Saúde

Estudar o sofrimento psíquico dos estudantes da área da Saúde é fundamental no ambiente acadêmico. Uma das formas de se compreender o sofrimento psíquico tem sido a partir da avaliação do Transtorno Mental Comum (TMC), apesar de esse não preencher todos os critérios formais para definir um diagnóstico para depressão e ansiedade, conforme delimitado pelo Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM) e Classificação Internacional de Doenças – 10ª Revisão - CID-10, mas apenas indicar que o paciente apresenta sofrimento psíquico que precisa ser considerado e avaliado pelos profissionais de saúde mental (Ribeiro & Marteleto, 2023). Rodrigues et al. (2022) revelaram em sua pesquisa que muitos estudantes universitários sofrem de TMC, mostrando a importância de programas de prevenção do sofrimento psíquico que atendam às necessidades dos alunos. Esses programas devem levar em conta o contexto e a realidade dos estudantes, visando promover a saúde, o bem-estar e o cuidado deles. Apesar de estudos anteriores também apontarem alta prevalência de sofrimento psíquico entre estudantes da área da Saúde, devido ao contato direto com o sofrimento de seus pacientes, muitos gestores institucionais ainda não consideram esse tema de forma adequada.

2.3.2 Resiliência acadêmica e a relação com o sofrimento psíquico universitário

O sofrimento psíquico, segundo Mota, Pimentel e Mota (2023), experimentado durante a formação acadêmica pode atingir o estudante de forma a determinar os modos de interação com sua formação. Muitas vezes o ingresso na universidade representa uma grande transformação e ruptura para a maioria dos discentes. A complexidade das novas demandas cognitivas em um ambiente desconhecido e as expectativas individuais e coletivas relativas ao ingresso no ensino superior, associadas ao afastamento dos vínculos sociais já estabelecidos com a família, são fatores que podem comprometer a saúde mental dos acadêmicos (Mota et al., 2023).

Alunos que possuem alta resiliência na vida acadêmica geralmente são mais saudáveis mentalmente, otimistas, dinâmicos e entusiasmados com a vida. Também, têm mais facilidade para lidar com desafios. Pesquisas mostram que a resiliência está diretamente ligada ao bom desempenho dos alunos. Portanto, é importante que eles desenvolvam essa habilidade para enfrentar os obstáculos que surgem durante a vida acadêmica. De outro lado, alunos com baixa resiliência podem ter dificuldades para se adaptar ao ambiente acadêmico (Mulati & Purwandari, 2022).

A educação médica pode ser estressante para os estudantes e afetar negativamente seu bem-estar psicológico. Embora haja poucos estudos sobre a relação entre ansiedade, resiliência e medicina, é importante entender o papel crucial da resiliência, para a redução da ansiedade. Portanto, a percepção de conhecimento, habilidades e experiências pode influenciar a resiliência das pessoas. Por isso é importante que os funcionários universitários promovam a resiliência dos estudantes de medicina para lidar com a ansiedade. Identificar estudantes em risco e realizar intervenções que promovam a resiliência pode ser mais eficaz na redução e prevenção da ansiedade entre os estudantes (Hayat, Choupani & Dehsorkhi, 2021).

Schultz et al. (2022) analisaram a associação entre resiliência e o estresse ocupacional evidenciado nos profissionais de enfermagem de um hospital geral em níveis moderados e altos de resiliência. Concluíram que resiliência, alto controle sobre o trabalho e elevado apoio social podem contribuir para a redução da exposição ao estresse ocupacional e ao sofrimento psíquico desses profissionais.

Arantes et al. (2022) explicam que a falta de conhecimento e de habilidades para lidar com as emoções no ambiente escolar pode piorar a situação dos indivíduos e complicar a resolução de conflitos pessoais e interpessoais, comuns nesses espaços. É importante identificar os conflitos entre as pessoas e encorajar os alunos a construir relacionamentos saudáveis. Acredita-se que estudantes que desenvolvem uma personalidade mais feliz e resiliente também desenvolvem relações interpessoais mais fortes, inteligência emocional e outras características positivas, o que resulta em maior motivação, melhor desempenho acadêmico e formação integral mais completa. Ou seja, a relação do estudante com seus pares, supervisores e docentes é fundamental nas IES.

2.3 Estratégias gerenciais e manejo do sofrimento psíquico dos estudantes

Os estudos de Mota, Pimentel e Mota (2023) recomendam como estratégia de prevenção e manejo de sintomas no ambiente universitário o uso de oficinas como recurso grupal. Para os autores as oficinas proporcionam um espaço de interação e de trocas, que ajuda a validar e acolher o sofrimento dos estudantes, além de promover sua conscientização sobre questões importantes relacionadas à saúde mental. Os grupos terapêuticos para estudantes também foram apontados como uma forma eficaz de abordar e acompanhar quadros leves de transtornos mentais, como, terapia cognitivo-comportamental em grupo para ansiedade, oficinas de *mindfulness* (atenção plena) em grupo e colóquios sobre saúde mental dos discentes (Mota, Pimentel e Mota, 2023).

As instituições educacionais podem se beneficiar da experiência de várias partes interessadas para criar intervenções específicas e estabelecer parcerias eficazes. (Wiedermann et al., 2023). Os autores alertam sobre a necessidade de as escolas darem importância à saúde mental dos estudantes, adaptando seus currículos de acordo com as diretrizes modernas de ensino. A prevenção, detecção precoce e tratamento dos problemas de saúde mental devem ser abordados de forma abrangente, mediante a colaboração entre educadores, profissionais de saúde mental, políticos e comunidades.

O Suicide Prevention Resource Center-SPRC (2023) considera o suicídio uma das principais causas de morte entre estudantes universitários nos Estados Unidos. Muitos também têm pensamentos suicidas e tentam o suicídio. Por isso, as faculdades e universidades estão se preocupando cada vez mais com o tema e implementando programas de prevenção em diversos campus. Os suicídios na universidade têm um impacto profundo na comunidade estudantil e entre os docentes, além de serem devastadores para familiares e amigos. Por isso, é crucial que todos os líderes do ensino superior se comprometam a tornar as universidades mais seguras a esse respeito. Torna-se essencial trabalhar em conjunto com as diretorias de apoio estudantil, para criar uma estratégia específica de prevenção-intervenção-prevenção do suicídio, a qual deve ser parte integrante da estratégia institucional de saúde mental. A participação dos alunos e funcionários, especialmente os tutores pessoais e outros profissionais voltados para os alunos, é fundamental. A SPRC (2023) revela que não há uma lista única e universalmente aceita de fatores de risco, citando alguns fatores de risco identificados pelas pesquisas mais recentes.

Problemas/distúrbios de saúde comportamental – Transtornos depressivos, abuso ou dependência de substâncias (álcool e outras drogas); delinquência/ transtornos de conduta; outros transtornos (por exemplo, transtornos de ansiedade, transtornos alimentares); tentativas anteriores de suicídio; e autolesão (sem intenção de morrer). A presença de múltiplos distúrbios comportamentais de saúde (especialmente a combinação de problemas de comportamento depressivos e perturbadores ou uso de substâncias) aumenta o risco de suicídio. **Características individuais** – Desesperança; solidão; alienação social, isolamento e falta de pertencimento; raiva, hostilidade; comportamento de risco, impulsividade; baixa tolerância ao estresse e à frustração; fracas habilidades de resolução de problemas ou de enfrentamento; percepção de ser um fardo (por exemplo, para a família e amigos). **Circunstâncias de vida adversas/estressantes** – dificuldades ou perdas interpessoais (por exemplo, rompimento de relacionamento, violência no namoro); problemas escolares ou de trabalho; problemas financeiros; abuso físico, sexual e/ou psicológico (atual e/ou anterior); doença física crônica ou deficiência; insônia e pesadelos.

Características da família – história familiar de suicídio ou comportamento suicida; problemas de saúde mental dos pais; violência ou abuso familiar (atuais e/ou anteriores); instabilidade e/ou perda familiar; falta de apoio dos pais. **Fatores escolares e comunitários** – acesso limitado a cuidados eficazes para transtornos de saúde, saúde mental ou abuso de substâncias; estigma associado à procura de cuidados; ambiente social e emocional negativo, incluindo atitudes, crenças, sentimentos e Interações de funcionários e aluno; exposição ao estigma e discriminação contra estudantes com base na orientação sexual, identidade de gênero, raça e etnia; deficiência ou características físicas (como excesso de peso); acesso a meios letais; exposição à mídia que normaliza ou glamouriza o suicídio (SPRC, 2023 p. 2-3).

2.4 Evasão escolar e saúde mental dos universitários

O ensino superior no Brasil está em constante crescimento, com mais vagas e cursos sendo oferecidos e com as instituições públicas e privadas se fortalecendo. É importante garantir que os alunos permaneçam na universidade até se formarem, para evitar a evasão, que traz consequências negativas tanto para as instituições quanto para a sociedade (Peron, Bezerra & Pereira, 2019).

Bastos, Maia, Oliveira e Ferreira (2019) acreditam que o ingresso na universidade envolve incertezas e mudanças na vida dos acadêmicos, quando muitos deles estão pouco preparados do ponto de vista psicoemocional para o enfrentamento das demandas do curso, das exigências de professores e gestores, bem como do estresse natural da vida acadêmica, em que todos os envolvidos são submetidos a uma sobrecarga emocional e afetiva em função da natureza de sua formação. Todo esse turbilhão de emoções gerado por essas transformações gera fatores que podem levar ao sofrimento psíquico, influenciando, inclusive, a permanência do discente na IES até sua diplomação

Por seu turno, Lewis e Bolton (2023) citam que os problemas de saúde mental podem ter graves consequências para os estudantes, incluindo baixo desempenho acadêmico, abandono da universidade, automutilação e, até mesmo, suicídio. A evasão escolar dos estudantes tem se tornado uma preocupação significativa para os gestores das IES. Lorenzo-Quiles, Galdón-López e Lendínez-Turón (2023) reconhecem na evasão de estudantes um problema recorrente no sistema de ensino universitário. Toda a comunidade educativa está envolvida em identificar esse problema que afeta estudantes em todo o mundo. No Brasil a evasão de estudantes nas IES é um problema que preocupa, pois acarreta gastos de recursos públicos e compromete a qualificação dos jovens em diversas áreas. Por isso, é necessário promover uma discussão mais aprofundada sobre a evasão, considerando a realidade brasileira e os estudos feitos por pesquisadores locais, para se chegar a soluções capazes de mitigar a evasão escolar no país (Pinheiro, Ribeiro & Fernandes, 2023). Pesquisa realizada por Tong et al. (2023) mostrou que os transtornos mentais mantêm forte relação com a evasão escolar. Além disso, os tipos de distúrbios que levam ao abandono escolar variam de acordo com a fase de escolaridade em que o aluno se encontra.

3 Metodologia

Esta pesquisa se classifica como um estudo descritivo, uma vez que coleta dados sobre o sofrimento psicológico e o processo formativo dos estudantes, além de buscar um entendimento mais profundo sobre o tema abordado. As unidades de análise foram os alunos de diversas faculdades da grande BH em período de estágio no Hospital SCBH – Santa Casa de BH. A unidade de observação constituiu-se de alunos dos cursos de medicina, fisioterapia, enfermagem e psicologia em campo de estágio na Santa Casa de Belo Horizonte, além de coordenadores ou supervisores dos cursos em questão, deu-se por acessibilidade da pesquisadora que é psicóloga hospitalar, responsável pelo Núcleo de Assessoria Psicopedagógica da IES. Segundo Collins e Hussey (2005), a seleção da unidade de análise é crucial para o progresso da pesquisa, uma vez que abrange as variáveis ou fenômenos em investigação, ligando-se ao problema de pesquisa.

A etapa de coleta dados envolveu inicialmente, a solicitação para pesquisa nas Instituições de ensino e instituição hospitalar onde estava sendo realizado o estágio curricular, posteriormente houve a identificação dos documentos a serem analisados, a partir daí foi feita a solicitação para agendamento das entrevistas e em seguida a realização de entrevista com alunos e coordenadores/ supervisores dos cursos envolvidos

Quanto a análise dos resultados os dados foram analisados por intermédio de: análises fatoriais, estatística descritiva, análise de confiabilidade e alfa de Cronbach, com base no Software SPSS (Statistical Package for the Social Sciences 1.0.0-51). A pesquisa quantitativa é uma abordagem metodológica amplamente utilizada para coletar dados numéricos e analisar padrões e tendências em determinada população. Por meio de questionários estruturados e de técnicas estatísticas, os pesquisadores podem medir opiniões, atitudes e comportamentos de forma objetiva e precisa. Tal metodologia permite comparar grupos, identificar relações de

causa e efeito e realizar projeções estatísticas, sendo útil em diversas áreas, como, Marketing, Saúde e Educação. Para fins desse relato apresenta-se uma síntese dos resultados da pesquisa.

4 Análise e discussão dos resultados

4.1 Resultados da etapa quantitativa

Sobre a caracterização dos sujeitos da pesquisa observou-se alunas do sexo feminino para (75%), da amostra, com idade entre 18 e 30 anos (61%), possui nível universitário, em curso ou concluído (92%), e são solteiros (67%). Em relação ao tempo de profissão, a maioria não respondeu, o que denota que grande parte é composta de estudantes universitários. Esse dado também está presente na pergunta sobre a função ou cargo do respondente, em que a opção mais assinalada (95%) foi “estudante”. Constatou-se que as IES com maior número de alunos na amostra são: Centro Universitário Estácio de Sá de Belo Horizonte (66,7%), Universidade de Itaúna (15,8%), Universo (11,7%) e PUC-Minas (11,6%). Juntas, correspondem a 75% de toda a amostra. O curso de Enfermagem possui maior número de estudantes, representando 40,0% dos resultados. E a segunda maior participação foi do curso de medicina, com 26,3%. O maior percentual de respondentes cursando estágio foi de “até seis meses”, com 45,8%, seguido de “acima de 19 meses”, com 27,9%. A maioria dos respondentes considerou seu desempenho acadêmico como “bom”, seguindo-se “muito bom”. Em conjunto, essa autoavaliação correspondente a praticamente 85% de todos os respondentes. Em relação à coabitação durante a moradia, os estudantes declararam que moram com seus pais ou familiares na maioria das situações, atingindo um percentual de quase 55%. Constatou-se que pouco mais da metade dos respondentes (54,2%) trabalha. Quanto ao número de horas trabalhadas ao longo da semana, apurou-se que a maioria dos respondentes (24%) assinalou a escala de 35 a 50 horas. Nessa questão houve um nível alto de pesquisados que optaram por não responder, 38%.

A fase concernente a estatística descritiva mostrou que a grande maioria dos respondentes não faz uso de cigarros (92%). Além disso, o consumo de álcool também pode ser considerado baixo, pois menos da metade dos entrevistados consome bebidas alcoólicas. Entre os que consomem, faz isso somente no final de semana. Em relação especificamente ao consumo de cerveja na última semana, mais de 63% não consumiu e somente 2 entre os 190 que compõem a amostra consumiram mais de 10 cervejas. Quanto ao consumo de entorpecentes, menos de 6% fez uso de algum tipo dessas substâncias no último mês, sendo que mais da metade (6) consumiu cannabis. Quanto à saúde, no quesito “prática de exercício físico”, o comportamento autorrelatado dos entrevistados é mais “dividido”. Pouco mais de 54% pratica exercícios físicos pelo menos duas vezes por semana e 45% não praticam exercícios físicos ou fazem isso raramente. Em relação ao tempo de sono no período letivo, quase 70% dos respondentes declararam que dormem entre cinco e sete horas diariamente. Todavia, a cada 10 respondentes, somente 4 consideram que esse tempo de sono é suficiente para suas necessidades. Ressalta-se que as principais razões descritas – em uma questão aberta – dizem respeito ao fato de muitos respondentes acordarem cansados, de se sentirem cansados ao longo do dia, de terem dificuldades em ir dormir mais cedo ou do grande volume de atividades a serem realizadas no trabalho, estágio e dentro e fora da sala de aula, dificultando a organização do tempo e a possibilidade de terem mais horas para descansar e dormir. Apesar da insuficiência de sono relatada pelos respondentes, menos de 15% deles tomou regularmente indutores do sono no último mês. Em relação aos analgésicos cerca de um a cada três fez uso desse tipo de produto regularmente no último mês. No caso dos antidepressivos, também poucos disseram que os utilizam, com menos de 20%. Entre aqueles que consomem esse tipo de medicamento, a grande maioria já faz uso há mais de seis meses – ou seja, o início do seu uso não é tão recente para esse grupo. Da mesma forma como ocorreu com os antidepressivos, a grande maioria dos respondentes não faz ou não fez recentemente tratamento psicológico ou

psiquiátrico. Entre aqueles que o utilizam a grande maioria começou o tratamento há mais de seis meses.

Os resultados mostram grande heterogeneidade em relação à percepção do suporte social pelos respondentes. Os aspectos sobre quantidade dos amigos, tipo dos amigos que possui e forma de relacionamento com a família revelam que os entrevistados estão muito satisfeitos. De outro lado, os aspectos quantidade de tempo que passa com os amigos, quantidade de vezes que é procurado pelos seus amigos, quantidade de tempo que se sente sozinho e falta de pessoas com as quais pode desabafar sobre assuntos da sua intimidade foram avaliados de forma mais negativa pelos entrevistados.

Em relação ao construto “Vulnerabilidade psicológica”, os resultados mostram que a maioria dos respondentes não se sente descrita pelos itens que formam este construto. Para todos os itens, com a exceção de “Sinto-me frequentemente ressentido quando outros se aproveitam de mim”, as alternativas 1 e 2 foram as mais assinaladas pelos entrevistados, com mais de 50%. Elas representam um baixo nível de identificação dos respondentes com as afirmativas do construto vulnerabilidade psicológica em questão. Neste estudo os respondentes revelaram baixa percepção de vulnerabilidade psicológica.

Os resultados sobre a vulnerabilidade da saúde mental, para a maioria dos respondentes as opções assinaladas foram “Um pouco vulnerável”, “Nada vulnerável” e “Moderadamente vulnerável”. Essas opções representam quase 90% de todas as respostas e a opção “Um pouco vulnerável” equivale a mais de 25% dos respondentes. Em relação ao sofrimento psíquico, a grande maioria dos respondentes, 67,9% avaliaram que não são pessoas em sofrimento psíquico. Esse resultado é coerente com a percepção do sofrimento da saúde mental avaliada pela questão anterior. Sobre os motivos da percepção de vulnerabilidade psíquica, a análise qualitativa mostrou que eles são muito diversos, citando-se: Estresse em virtude da quantidade de trabalho e do tipo de trabalho. Dificuldade de conciliar as metas estabelecidas – expectativas pessoais – com os resultados alcançados. Isso gera outro aspecto citado pelos respondentes que é: Ansiedade, decorrente dos resultados obtidos e das responsabilidades que ainda virão. Nível muito alto de preocupação. Problemas psíquicos devido ao uso de medicamentos com prescrição médica, em conjunto com a depressão e ansiedade, entre outros e Perda de entes familiares que são muito importantes.

4.2 Resultados das entrevista com os coordenadores

Em relação aos desafios que no ensino superior afetam a saúde mental dos discentes, observou-se que o investimento necessário para seguir a carreira na área da Saúde pode ser um peso para esses discentes, já que, muitas vezes, é preciso contrair dívidas para pagar no futuro, por meio de financiamentos estudantil. Outra situação é ter de lidar com o sofrimento dos outros, o que exige empatia, podendo impactar emocionalmente. Alguns alunos podem sentir dificuldade em lidar com a pressão e a competição no ambiente acadêmico, especialmente aqueles que foram muito elogiados na escola, ou seja, “os melhores da turma”. No meio acadêmico, especialmente na área da Saúde, os cursos de medicina precisam lidar com discentes com alta inteligência cognitiva, mas baixa inteligência emocional, apesar de conhecidos como “gênios”. É essencial que eles desenvolvam suas habilidades emocionais para trabalhar em equipe e lidar com colega. Ofertar a esses acadêmicos uma formação mais próxima da realidade do atendimento ao paciente, preparando-os para os desafios da profissão é fundamental. Estimulá-los a expressar suas dúvidas e preocupações é uma forma de ajudá-los a lidar com possíveis dificuldades no futuro.

Quanto a forma como a IES identifica o sofrimento psíquico dos discentes de modo geral o conhecimento é importante para esclarecer dúvidas, porém é mais relevante na parte técnica e científica do atendimento do que no impacto emocional e psicológico que esse atendimento pode ter no profissional em formação. No no campo de estágio seu papel é de

observador. Notam-se muitos alunos ausentes, com baixa frequência. Justificam-se informando dificuldade para levantar da cama, problemas emocionais e variações de humor. Essa ausência pode estar relacionada a um processo de adoecimento que afeta a postura e o comportamento desses estudantes. A geração atual enfrenta desafios em seu processo de formação. Muitos jovens perderam o interesse pelos estudos e passaram a enfrentar dificuldades não só com a prática, como também com o ensino online e sofreram emocionalmente com o atendimento aos pacientes. E ainda, o foco está mais na graduação, uma vez que esses estudantes ainda são estagiários.

Assim, o ambiente hospitalar pode ter um grande impacto no sofrimento psicológico de profissionais da área de saúde, especialmente daqueles que lidam diretamente com o sofrimento dos pacientes e familiares. Ou seja, a carga emocional é significativamente maior do que em outras clínicas (como enfermagem), o que pode causar um desgaste emocional maior. Os profissionais da área da de Saúde que trabalham em hospitais tendem a ter maior adoecimento devido à carga emocional e física intensa que o ambiente hospitalar proporciona.

Em relação ao acompanhamento pelo coordenador de estágio de alguma experiência que tenha levado o supervisionando ao sofrimento, nota-se nesse público há pessoas que estão mais atentas a sintomas físicos em seus corpos, buscando se proteger contra doenças, o que pode indicar um alto nível de hipocondria, transtorno psicológico caracterizado pela preocupação excessiva e irracional com a própria saúde, levando a pessoa a acreditar que tem doenças graves mesmo sem evidências médicas que comprovem isso.

Quanto ao desenvolvimento de algum tipo de doença durante o tempo de estágio, é comum que os estudantes se sintam sobrecarregados, e isso pode levar ao desenvolvimento de doenças. Com pouco tempo disponível, eles ficam mais ansiosos durante as provas. Durante o período de estágio não há tantas avaliações teóricas. Antes do estágio lidam com diversas disciplinas e provas ao longo do semestre, o que aumenta sua ansiedade. Durante o estágio de dez semanas alguns realizam apenas uma prova, o que pode ser um momento mais estressante para esse profissional em formação.

Quanto ao conhecimento do coordenador de algum tipo de apoio psicossocial ao discente incluso no planejamento da universidade, identificou-se a existência de grupos que ofertam atendimento especial ao profissional em formação, citando-se que a faculdade acompanha de perto o rendimento de alunos com mudanças de comportamento que afetam suas notas, a fim de identificá-los e ajudá-los a enfrentar as dificuldades de aprendizado. Além disso a Faculdade Santa Casa tem como prática encaminhar frequentemente seus estudantes da graduação para atendimento psicológico. Existe uma diferença significativa na carga horária dos estudantes de pós-graduação, que passam 40 horas em um setor e d mais 40 em outro, o que faz o tempo passar rapidamente. Os alunos em estágios curriculares ficam ainda mais tempo no estágio. Em relação ao adoecimento dos alunos durante os estágios, tanto na pós-graduação quanto nos estágios curriculares, são poucos os casos. Além disso, a principal preocupação identificada tem sido a falta de comprometimento e de iniciativa no setor, refletida em comportamentos de fuga e de desatenção. Atualmente, percebe-se que os estudantes têm conseguido evitar situações que os levem ao adoecimento durante o estágio. Isso é diferente do que acontecia quando havia o programa de estágio extracurricular, no qual os casos de estudantes doentes eram comuns e muito frequentes.

Os aspectos concernentes a saúde física e/ou mental dos discentes poder ser afetada pelo sofrimento oriundo das experiências vivenciadas durante a prática dos estágios notou—se que o estudante enfrenta duas possibilidades: sentir-se inseguro e incapaz ou sentir-se extremamente confiante. Isso pode levá-lo a considerar as situações como insolúveis ou a minimizá-las, resultando na perda da noção da realidade.

Em relação a formulação de estratégias para minimizar os impactos do sofrimento psíquico entre os discentes, está o autoconhecimento. Portanto lidar com os problemas dos

estudantes pode ser uma oportunidade de aprendizado e crescimento tanto para o estudante quanto para o professor/tutor. E, ainda, a falta de apoio adequado aos discentes pode afetar a reputação e credibilidade da instituição de ensino e de seus colaboradores.

Quanto as ações de planejamento e gestão, observou-se que a maioria as ações nas faculdades ainda são falhas e não fornecem o apoio necessário aos acadêmicos. Ainda sobre essa questão, um dos coordenadores entende que, mesmo com a existência de um núcleo de saúde mental, esse núcleo não seria suficiente para atender os profissionais em formação.

Em relação entre as estratégias implementadas pelas IES nos planos de ensino e projetos pedagógicos e o fato de as IES realmente se preocuparem com a saúde mental dos estudantes, é importante que quando o estudante chega no campo de estágio seria importante fazer uma roda de conversa, uma maneira de todos se conhecerem. O ideal seria uma roda de conversa, para ajudar esse acadêmico a se familiarizar com essa fase prática de sua formação.

Sobre ações que a faculdade ou os professores poderiam fazer para ajudar os profissionais em formação a vivenciarem o sofrimento psicológico proveniente da prática de estágio, os coordenadores sugerem a criação de um núcleo ativo envolvido no planejamento e atendimento das demandas. E ainda todos os cursos universitários devem se preocupar com o índice de suicídio, especialmente aqueles que lidam com situações de alta carga emocional e grande quantidade de conhecimento teórico, além de horas de estudo por semana. Essa situação ainda se agrava quando o comportamento de discentes de outros cursos é bem menos exaustivo, enquanto os estudantes da área da Saúde se encontram sobrecarregados com uma carga horária excessiva e uma demanda de dez a doze provas no semestre.

Ressalta-se que esses profissionais em formação convivem com colegas de outros cursos se divertindo enquanto eles têm aulas o dia inteiro, com a pressão da Medicina e as muitas provas teóricas. Muitas faculdades estão adotando formas de avaliação mais práticas, para reduzir o estresse dos alunos. Algumas faculdades estão buscando novas formas de avaliação, para reduzir o estresse das provas teóricas. No entanto, o curso de medicina segue um padrão diferente.

4.3 Discussão dos resultados

Em relação ao objetivo “Identificar possíveis sinais de sofrimento entre estudantes matriculados nos cursos de Medicina, Fisioterapia, Enfermagem e Psicologia, todos da área da Saúde, em campo de estágio na Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte”, os coordenadores acreditam que lidar com as diferenças entre os alunos durante os estágios é um desafio importante. Encontrar formas eficazes de ensinar, mesmo para alunos desinteressados, e buscar diferentes métodos de ensino são medidas igualmente essenciais. A nova geração de estudantes tem fácil acesso ao conhecimento por meio dos celulares, o que reduz a importância do conhecimento teórico tradicional. A falta de experiência prévia dos alunos pode causar frustração e sofrimento psicológico no ambiente hospitalar. Estudo realizado por Andrade et al. (2016) sobre as experiências acadêmicas dos estudantes de Psicologia em uma universidade pública no interior de São Paulo concluiu que, de maneira geral, os alunos têm uma percepção positiva do curso. No entanto, ao serem questionados sobre suas experiências e sofrimento psicológico, foram identificados sinais de desconforto universitário. Graner e Cerqueira (2019) postulam que os universitários se deparam com aspectos estressores durante a vida acadêmica, destacando que o “sofrimento psíquico entre os estudantes pode associar-se à percepção negativa do ambiente acadêmico e à queda na qualidade de vida”.

Quanto ao objetivo “Identificar fatores antecedentes e mediadores do sofrimento psíquico de estudantes matriculados nos cursos de Medicina, Fisioterapia, Enfermagem e Psicologia, todos da área da Saúde, em campo de estágio na Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte, considerando os fatores protetores e de vulnerabilidade”, os estudantes em formação enfrentam desafios ao lidar com o sofrimento dos pacientes devido à falta de experiência. A

sensação de impotência e a falta de opções podem afetar seu desenvolvimento, razão pela qual é crucial aprender a lidar com as limitações da prática médica e oferecer o melhor cuidado possível aos pacientes. Constatou-se que alguns estudantes enfrentaram problemas de saúde durante a formação acadêmica, como, ansiedade e dermatite, estresse e síndrome de Burnout. Artal et al. (2022) explicitam que compreender melhor o adoecimento dos estudantes universitários é fundamental para a formação se tornar menos prejudicial, citando-se a cooperação de familiares, amigos e professores, tornando possível ter uma experiência de graduação com maior cuidado em saúde mental. Portanto, é condição sine qua non ampliar a compreensão sobre como o sofrimento psíquico inerente ao processo de formação dos cursos superiores da área da Saúde deve ser considerado no processo de planejamento e gestão educacional.

Os coordenadores de diferentes faculdades relatam a existência de apoio psicopedagógico aos estudantes em formação, porém com diferentes níveis de proximidade e efetividade. Alguns alunos se queixam da falta de supervisão e apoio em algumas instituições, ressaltando a importância de um suporte adequado durante o estágio, para evitar problemas de saúde mental. A proximidade e o cuidado dos professores com os alunos são valorizados como forma de auxílio no progresso acadêmico. É fundamental que esse estudante seja acolhido em suas diversas necessidades. Nogueira (2017) considera fundamental cuidar da saúde mental dos estudantes do ensino superior e destaca sua importância para o desenvolvimento e sucesso acadêmico do aluno. A falta de acolhimento e de continência aos aspectos emocionais dos acadêmicos configura uma invisibilidade do sofrimento existencial, por parte dos gestores acadêmicos.

Sobre o objetivo “Identificar de que forma o sofrimento psíquico influencia a possibilidade de evasão dos estudantes matriculados nos cursos de Medicina, Fisioterapia, Enfermagem e Psicologia, todos da área da Saúde, em campo de estágio na Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte”. O coordenador notou que os estudantes podem ter insegurança ou excesso de confiança, o que pode levá-los a minimizar problemas ou perder a noção da realidade. É importante lidar com os problemas e identificar sinais de problemas de saúde física e mental desde o início. O sofrimento mental dos estudantes pode afetar seu desempenho acadêmico e é crucial oferecer apoio. Embora a decisão de desistir do curso seja pouco comum, o sofrimento mental é sério e pode ter consequências graves. É fundamental ouvir os estudantes e reconhecer a intensidade de seu sofrimento. Após a pandemia, houve um aumento significativo dos casos de problemas de saúde mental, especialmente entre profissionais da área da Saúde. Os estudantes enfrentam desafios psicológicos ao entrarem na faculdade, mas escolhem não desistir e superar as dificuldades. Independente da idade, buscam apoio de colegas e professores para seguir em frente e alcançar seus objetivos acadêmicos. A preocupação com o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e estágios não deve ser motivo para abandonar o curso.

No que diz respeito ao objetivo “Identificar as estratégias utilizadas para minimizar o impacto do sofrimento psíquico dos estudantes matriculados nos cursos de Medicina, Fisioterapia, Enfermagem e Psicologia, todos da área da Saúde, em campo de estágio na Santa Casa de Belo Horizonte”. É fundamental que esta IES se preocupe com o bem-estar emocional dos estudantes em formação, oferecendo-lhes apoio emocional. É necessário identificar sinais de problemas emocionais nos estudantes, como, queda de rendimento e mudanças de comportamento, e promover o autoconhecimento e oferecer suporte adequado para reduzir o impacto do sofrimento psicológico. A falta de apoio pode prejudicar o nome da instituição, sendo necessário criar um Núcleo de Atendimento, assim como promover adaptações no currículo e metodologias de ensino. É importante implementar políticas de saúde mental na comunidade acadêmica, pois cuidar da própria saúde é fundamental para oferecer um bom

serviço aos pacientes. Silva e Sei (2021) afirmam que um dos principais desafios enfrentados pelas IES é adaptar a formação dos estudantes às políticas de saúde.

É fundamental integrar a formação generalista com a humanista, de modo a preparar profissionais que considerem aspectos políticos e sociais e formem cidadãos no cuidado. É necessário ofertar aos estudantes novos conhecimentos e vivências voltados para uma abordagem de formação humanizadora. Macêdo, Silva e Lucena (2021) reconhecem que a educação humanizada valoriza as relações humanas no ambiente escolar, buscando formar indivíduos moldados em um novo paradigma, respeitando suas dimensões de sociabilidade, intelectualidade, espiritualidade e afetividade. Conhecer a importância de valorizar uma formação humanizada e humanizadora, atendendo aos interesses coletivos, mas também criar um modelo de negócios lucrativo, contribuindo com o desenvolvimento da IES, bem como permitindo que o ser humano desenvolva suas capacidades críticas, reflexivas e tenha autonomia para pensar e se expressar é basilar. Morais (2021) explica que o cenário educacional trouxe mudanças importantes, como a valorização da subjetividade dos alunos na sala de aula. Assim, é possível afirmar que a subjetividade é fundamental para questionar o conhecimento tradicional rígido e possibilitar uma educação mais humanizada. Educar não é um processo simples e direto, mas sim complexo, que inclui aspectos subjetivos, conhecimento formal e influências culturais da sociedade atual.

Em relação ao objetivo “Identificar as estratégias propostas para minimizar o impacto do sofrimento psíquico dos estudantes matriculados nos cursos de Medicina, Fisioterapia, Enfermagem e Psicologia, todos da área da Saúde, em campo de estágio na Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte. Alunos da universidade enfrentam dificuldades psicológicas e emocionais, como, depressão e falta de organização nas disciplinas. Oliva Costa et al. (2012) constataram sintomas depressivos entre internos de Medicina em uma universidade pública brasileira, assim como elevada prevalência de sintomas depressivos na população acadêmica associados a variáveis do processo de ensino-aprendizagem e aspectos pessoais, sugerindo a necessidade de medidas preventivas imediatas referentes à formação médica e à assistência ao estudante.

Conclusões/Considerações finais e contribuições

Quanto ao objetivo geral deste estudo – “Analisar de que forma o sofrimento psíquico inerente ao processo de formação dos estudantes matriculados cursos de de Medicina, Fisioterapia, Enfermagem e Psicologia, todos da área da Saúde, em campo de estágio na Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte é considerado no planejamento e gestão educacional”, este estudo avançou no tema Sofrimento Acadêmico”. Os resultados mostraram que os depoimentos de estudantes e gestores convergem com a prática clínica da pesquisadora. Além disso, os estudantes muitas vezes, tentam atender às expectativas dos professores/supervisores e pacientes utilizando estratégias defensivas, mas estas, geralmente, não são suficientes e acabam afetando negativamente as relações no ambiente acadêmico. Eles preferem mostrar-se competentes e capazes de manter o controle, mesmo que isso signifique negar o sofrimento psíquico que estão enfrentando. Por isso, a análise quantitativa, feita com base nos questionários, não conseguiu captar o nível de sofrimento que os estudantes realmente estão enfrentando no dia a dia.

Em contrapartida, a etapa qualitativa trouxe resultados importantes, em que se denotou que o nível de sofrimento que os estudantes enfrentam no dia a dia é uma questão cada vez mais preocupante, que merece ser discutida abertamente. Pressão acadêmica, estresse, ansiedade, solidão e sobrecarga de responsabilidades são apenas alguns dos fatores que contribuem para o aumento do sofrimento entre os estudantes. A pressão para ter um bom desempenho acadêmico, conciliar os estudos com o trabalho e lidar com problemas familiares, financeiros ou de saúde, além das exigências sociais e da constante comparação com os outros, podem levar os

estudantes a um estado de sofrimento intenso. Muitos enfrentam problemas de saúde mental, como, depressão e ansiedade, mas nem sempre recebem o apoio necessário para lidar com essas questões. A falta de suporte emocional e psicológico por parte das instituições de ensino, a falta de tempo para cuidar de si mesmo e a pressão constante por resultados positivos podem agravar ainda mais a situação. É importante promover a conscientização sobre a importância da saúde mental dos estudantes e criar espaços seguros e acolhedores onde possam expressar seus sentimentos, buscar ajuda profissional e compartilhar suas experiências. Torna-se fundamental que as IES adotem políticas e medidas de apoio aos estudantes, como, programas de aconselhamento, grupos de apoio e atividades que promovam o bem-estar e o equilíbrio emocional. É preciso reconhecer a realidade do sofrimento dos estudantes e tomar medidas concretas para ajudá-los a enfrentar esses desafios, garantindo que tenham um ambiente saudável e acolhedor para desenvolver seu potencial acadêmico e pessoal. A saúde mental dos estudantes é fundamental para seu sucesso acadêmico e para sua qualidade de vida, devendo ser considerada como uma prioridade em todas as esferas da sociedade.

No âmbito da FSCBH identificou-se a existência de um projeto de prevenção e tratamento, visando minimizar o sofrimento psíquico do estudante e conseqüentemente melhorar a qualidade de vida durante seu período de formação acadêmica. O objetivo é garantir acolhimento, apoio e acompanhamento psicopedagógico e de acessibilidade aos estudantes que revelam dificuldades frente aos aspectos de ordem psicoemocional que possam interferir em seu desempenho acadêmico e em seu bem-estar pessoal, pois estes apresentam-se, ainda hoje, negligenciados.. Para tal, oferecemos assessoria à direção da Faculdade em ações que envolvam o aprimoramento da qualidade do processo de ensino e aprendizagem, além de uma atenção diferenciada para o(a) estudante em situações de sofrimento, preconceito, exclusão, dificuldades de aprendizagem, adaptação acadêmica, pessoas com deficiência entre outros. A partir do atendimento individualizado são realizadas ações que oferecem suporte e acompanhamento ao grupo de risco, assegurando os direitos e liberdades através da promoção da acessibilidade pedagógica, arquitetônica e comunicacional. Nesse sentido pode-se inferir que um olhar mais cuidadoso e humanizado a partir da compreensão do sofrimento do estudante, altera o cenário atual de formação desse futuro profissional de saúde impactando positivamente na qualidade da sua formação e prática clínica.

Referências

- Arantes, M. M. et al., (2022). Educação emocional integral: processos de humanização no campo educacional. [*E-book EEI - Educação Emocional Integral*]. Universidade Federal de Pernambuco. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPE; Ed. UFPE Recuperado de <https://www.ufpe.br/documents/38978/3573002/E-book+EEI+-+Educa%C3%A7%C3%A3o+Emocional+Integral.pdf/4602110e-0925-4af9-afd8-080d42fd730d>
- Araújo, M. B. U. de (2019) A gestão pedagógica faz a diferença na escola? Educação & Linguagem 6(1), 69-89. JAN-ABR. 2019 Recuperado de https://www.fvj.br/revista/wp-content/uploads/2019/05/5_RedLi_20191.pdf
- Artal, I. I. B, (2022). Prevalência de transtornos mentais comuns em estudantes universitários. UNIVAG Centro Universitário. Recuperado de <https://www.repositoriodigital.univag.com.br/index.php/Psico/article/view/1443>
- Bittencourt, Z. A., Pereira, T. I. (2021). Educação Superior em Contexto Emergente: a Democratização da Universidade Brasileira em Debate. *Rev. Inter. Educ. Sup.* 8, 1-24. DOI: 10.20396/riekusi.v8i0.8664194e-location:e022021
- Brasil. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2023). *Censo da Educação Superior – resultados*. Brasília, DF: Inep Recuperado de <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados>

Casagrande, J. L., & Santos, C. de F. S. dos (2020). O projeto político pedagógico nas instituições escolares. *Revista Contemporânea de Educação*, 15(32), 187-203. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.20500/rce.v15i32.31438>

Collins, J.; & Hussey, R.. *Pesquisa em Administração*. 2^a. Ed. Ed. Bookman, São Paulo, 2005.

D'Ávila, C. (2020). A didática nas Diretrizes Curriculares Nacionais e Base Nacional Comum para a Formação de Professores da Educação Básica: impasses, desafios e resistências. In: Dossiê: Pedagogia, didática e formação docente: velhos e novos pontos críticos-políticos. (Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, PA, Brasil). *Revista Cocar*. 8. 86-101. Recuperado de <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3082/1355>

Hayat AA, Choupani H, Dehsorkhi HF. (2021). The mediating role of students' academic resilience in the relationship between self-efficacy and test anxiety. *J Educ Health Promot*. 2021 Aug 31;10:297. Recuperado de DOI: 10.4103/jehp.jehp_35_21. PMID: 34667797; PMCID: PMC8459863.

Lewis, J.; & Bolton, P. (2023) Student mental health in England: Statistics, policy, and guidance. *Commons Library Research Briefing*, 30 (202) Recuperado de <https://commonslibrary.parliament.uk/research-briefings/cbp-8593/>

Lorenzo-Quiles O, Galdón-López S & Lendínez-Turón A (2023) Factors contributing to university dropout: a review. *Front. Educ*. 8:1159864. Recuperado de doi: 10.3389/educ.2023.1159864

Macêdo, M. J. I. de; Silva, S. S. da; & Lucena, A. M. A. de (2021). A importância das relações humanizadas no contexto escolar como promotora de uma cultura de paz. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*. São Paulo, 7(4), 386-398. Recuperado de doi.org/10.51891/rease.v7i4.973

Matias, A. P. (2020). *Gestão Pedagógica em Instituições do Ensino Superior: um estudo sobre o Núcleo Docente Estruturante (NDE)*. (Dissertação de Mestrado da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil) Recuperado de <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59140/tde-03042020-140802/publico/corrigidafesa.pdf>

Morais, T. A. (2021). Arte, subjetividade e formação sensível: reflexões sobre a educação na contemporaneidade. *Revista Educação Pública*, 21(14) 20. Recuperado de <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/14/arte-subjetividade-e-formacao-sensivel-reflexoes-sobre-a-educacao-na-contemporaneidade>

Mota, A. A. S., Pimentel, S. M., & Mota, M. R. S.. (2023). Expressões de sofrimento psíquico de estudantes da Universidade Federal do Tocantins. *Educação E Pesquisa*, 49, e254990. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202349254990>

Moura, A. C. A. de ., Mariano, L. de Á., Gottens, L. B. D., Bolognani, C. V., Fernandes, S. E. S., & Bittencourt, R. J. (2020). Estratégias de Ensino-Aprendizagem para Formação Humanista, Crítica, Reflexiva e Ética na Graduação Médica: Revisão Sistemática. *Revista Brasileira De Educação Médica*, 44(3), e076. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.3-20190189>

Mulati, Y. & Purwandari. E. (2022), "The Role of Resilience in Coping with Academic Stress (A Meta-analysis Study)" in International Conference of Psychology 2022 (ICoPsy 2022), *KnE Social Sciences*, 182–200. Recuperado de DOI 10.18502/kss.v7i18.12387

Niskier, C., Xavier, I. de M., & Diniz, J. (2020). Cenários da Educação Superior Brasileira no Contexto da Covid-19: Impactos e Transformações. E-book. ABMES Editora, 2020. [Recurso Eletrônico] Recuperado de <https://abmes.org.br>

Nogueira, M. J. C. (2017). *Saúde mental em estudantes do ensino superior: fatores protetores e fatores de vulnerabilidade*. (Tese de doutorado, Curso de Doutorado em enfermagem, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, PT). Recuperado de https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/28877/1/ulsd730773_td_Maria_Nogueira.pdf

Obana, Obana. J. E. G.; Bastos, C. C. B. C.; Assenza, M. L. A.; Manchope, E. C. P.; & Silva, L. de L. (2021) A positivação na formação de profissionais da área da saúde: curadores de doenças ou cuidadores de pessoas? *Research, Society and Development*, 10(11), e574101119721. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i11.19721>

Pereira, S. G. S., Silva Junior, R. F. da ., Ribeiro, C. D. A. L., Barbosa, H. A., Torres, J. D. P. R. V., & Silva, C. S. de O. e .. (2021). Fatores associados à pré-hipertensão e hipertensão arterial em trabalhadores de saúde que atuam em serviços de alta complexidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(12), 6059–6068. Recuperdo de <https://doi.org/10.1590/1413-812320212612.14952021>

Ribeiro, E. A., & Medeiros, D. C. de (2020 ^{Jan}) Expansão da educação superior no Brasil na última década: surgimento de um novo cenário de acesso? *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*. DOI: 10.15628/rbept.2020.8689

Ribeiro, N. C. R.; & Marteleto, R. M. (2023). O manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais enquanto um dispositivo info-comunicacional. *Encontros Bibli*, Florianópolis, v. 28, 2023: e90801 Universidade Federal de Santa Catarina. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2023.e90801>

Rodrigues, D. da S., Cruz, D. M. C. da ., Nascimento, J. S., & Cid, M. F. B.. (2022). Prevalência de transtornos mentais comuns e fatores associados em estudantes de uma universidade pública brasileira. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 30, e3305. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO252833051>

Schultz, C. C., Colet, C. de F., Benetti, E. R. R., Tavares, J. P., Stumm, E. M. F., & Treviso, P. (2022). Resilience and the reduction of occupational stress in Nursing. *Revista Latino-americana De Enfermagem*, 30, e3636. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/1518-8345.5866.3636>

Silva, A. C. de M.; & Sei, . B. (2021). A humanização na formação acadêmica em saúde: perspectiva de egressos de um projeto de extensão. *Rev. Psicol. Saúde*, Campo Grande, 13(3), 3-18 Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2021000300002&lng=pt&nrm=iso. acessos em 28 fev. 2024. <http://dx.doi.org/10.20435/pssa.v13i3.1269>.

Silva, A. T. C. da. (2022). *Estudar é um ato de resistência: sofrimento psíquico e aprendizagem na universidade à luz da teoria histórico-cultural*. (Dissertação de mestrado, Programa de PósGraduação em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Chapeco, SC, Brasil) Recuperado de <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/6154/1/SILVA.pdf>

Silva, C. H. M. da. (2021) *A gestão curricular e pedagógica das disciplinas de Projeto de Vida e Mundo do Trabalho em uma Escola Estadual de Educação Profissional do Ceará*. (Dissertação mestrado profissional, da Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação/CAEd. Programa de Pós-Graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública. Juiz de Fora, MG, Brasil). Recuperado de <http://mestrado.caedufjf.net/a-gestao-curricular-e-pedagogica-das-disciplinas-de-projeto-de-vida-e-mundo-do-trabalho-em-uma-escola-estadual-de-educacao-profissional-do-ceara/>

Silva, L. G. A., & Teixeira, R. A. G. (2021). Reforma educacional no sistema estadual de ensino: do enfraquecimento dos princípios democráticos às contradições na gestão dos processos educativos na escola pública em Goiás. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*, 37(3), 1181-1198. Epub 15 de maro de 2022.<https://doi.org/10.21573/vol37n32021.111490>

Tomás, M. C., & Silveira, L. S. (2021 ^{Set-Dez}). Expansão do ensino superior no Brasil: diversificação institucional e do corpo discente. *Revista Brasileira de Sociologia* 09(23),149-177. Recuperado de <https://doi.org/10.20336/rbs.781>

Wiedermann CJ, Barbieri V, Plagg B, Marino P, Piccoliori G, Engl A. (2023) Fortifying the Foundations: A Comprehensive Approach to Enhancing Mental Health Support in Educational Policies Amidst Crises. *Healthcare (Basel)*. 14:11(10):1423. Recuperado de doi: 10.3390/healthcare11101423. PMID: 37239709; PMCID: PMC10217808.